



University of
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Unversitário Santo Agostinho

revistafsa

www4.fsnet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 21, n. 3, art. 5, p. 93-123, mar. 2024

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2024.21.3.5>

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

WZB
Wissenschaftszentrum Berlin
für Sozialforschung



MIAR



Ecologia de Saberes e de Processos Educativos de Moradores da Comunidade do Rio Pirocaba, Abaetetuba, Pará

Ecology of Knowledge and Educational Processes of Residents of the Community of Rio Pirocaba, Abaetetuba, Pará

Luiz Cleibson Ferreira Amaral

Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará
Servidor da Semec Abaetetuba-PA
E-mail: luizcleibson9@gmail.com

Eliana Campos Pojo Toutonge

Doutora em Ciências Sociais pela Unicamp
Professora na pela Universidade Federal do Pará
E-mail: lilica@gmail.com

Rosenildo da Costa Pereira

Doutor em Antropologia Social pela pela Universidade Federal do Pará
Servidor da Semec Abaetetuba-PA
E-mail: rosenildopereira@gmail.com

Endereço: Luiz Cleibson Ferreira Amaral

UFPA, R. Augusto Corrêa, 01 - Guamá, Belém - PA,
66075-110. Brasil.

Endereço: Eliana Campos Pojo Toutonge

UFPA, R. Augusto Corrêa, 01 - Guamá, Belém - PA,
66075-110. Brasil.

Endereço: Rosenildo da Costa Pereira

UFPA, R. Augusto Corrêa, 01 - Guamá, Belém - PA,
66075-110. Brasil.

Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar Rodrigues

Artigo recebido em 13/12/2023. Última versão
recebida em 27/12/2023. Aprovado em 28/12/2023.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review
pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review
(avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação



RESUMO

O presente trabalho discute os saberes da comunidade rural-ribeirinha do Pirocaba, tomando as lógicas do pensar, agir e fazer que, de certo modo, se espraiam nos modos de organização da vida produtiva dos moradores. A ideia central foi mapear os saberes pelas vozes e registros de moradores adultos e crianças dessa comunidade. Como fundamento, nos embasamos nos pressupostos de autores que discutem o tema, especialmente em Brandão (2002), quando trata de uma lógica comunitária de construir e fazer circular o saber pela mediação da cultura e no mundo rural. Metodologicamente, o estudo de abordagem qualitativa perpassou o uso de procedimentos/instrumentos tais como a observação, o registro fotográfico, entrevistas com moradores e oficinas com algumas crianças. Como resultados, podemos reafirmar a existência dos saberes da comunidade rural-ribeirinha do Pirocaba alinhados à produção de vida, integrada com a natureza, e a transmissão/circularidade do saber por eles no cotidiano da comunidade. Estes saberes e processos que podemos chamar de educativos sinalizam formas próprias de agir, fazer e pensar de um povo em sua peculiaridade e cultura.

Palavra-chave: Saber. Processos Educativos. Povo Ribeirinho.

ABSTRACT

The present work discusses the knowledge of the rural-riverside community of Pirocaba, taking the logic of thinking, acting and doing that, in a way, spreads in the ways of organizing the productive life of the residents. The central idea was to map the knowledge through the voices and records of adult and child residents of this community. As a foundation, we base ourselves on the assumptions of authors who discuss the subject, especially in Brandão (2002), when he deals with a community logic of building and circulating knowledge through the mediation of culture and in the rural world. Methodologically, the study with a qualitative approach permeated the use of procedures/instruments such as observation, photographic records, interviews with residents and workshops with some children. As a result, we can reaffirm the existence of the knowledge of the rural-riverside community of Pirocaba aligned with the production of life, integrated with nature and the transmission/circularity of knowledge by them in the daily life of the community. This knowledge and processes that we can call educational signalize the people's own ways of acting, doing and thinking in their peculiarity and culture.

Keyword: Knowing. Educational Processes. Riverside People.

1 INTRODUÇÃO

O estudo trata do saber, uma das manifestações do ser humano em suas lógicas associada à cultura, ou seja, o saber é qualquer produção saudável do/da homem/mulher, na inter-relação com o mundo, em forma de ações, pensares, representação corporal ou ideológica de pensamento (simbólica). Registamos esta compreensão em consonância ao que Brandão (2015) diz ser:

Nomes, palavras, símbolos, ideias, pensamentos, lembranças, sentidos e significados. Pois para ave que pousa num galho, a árvore é a sombra, o abrigo, uma referência no espaço de seu mundo e o fruto de que se alimenta. Enquanto para nós, seres da natureza habitantes da cultura, uma árvore é tudo isto e é bastante mais. Ela é um nome, um feixe de símbolos e de significados [...] (2015, p. 61).

Podemos dizer que o saber envolve as diversas significações que os seres humanos expressam em seu contato com o ambiente vivido. Saberes que se diferenciam uns dos outros, pois cada cultura onde estes saberes se desenvolvem está em tramas e teias, com especificidades e peculiaridades. Logo,

[...] as culturas humanas possuem situações de origens diferentes. Possuem trajetórias de interações com a natureza e com outras culturas também diferentes. Possuem, finalmente, ritmos de transações e vocações de realização de si mesmas e de seus sujeitos, também diferentes (BRANDÃO, 2015, p. 120).

Os saberes têm relação direta com a cultura, com a natureza e com as diferentes formas de convívio das pessoas em determinado lugar. O saber é o arcabouço de aprendizados inscritos em práticas, fazeres, formas de agir e de pensar. Portanto, existe toda uma riqueza de referências, de lógicas que transitam entre as gerações que participam de uma mesma cultura. Em termos mais claros, os saberes constituem-se formas interpessoais e de uma pedagogia do povo¹, informal, ou seja:

Coexistem formas livres, familiares, vicinais, comunitárias de trocas de conhecimentos imersas em outras práticas sociais [...]. Artifícios múltiplos de educação do povo (BRANDÃO, 1997, p. 15).

O contexto ribeirinho possui características que ditam um modo de vida peculiar, um entendimento de vida ligado à natureza e à cultura como produção dos sujeitos. Especialmente, os saberes são aprendidos no convívio familiar, movimentam-se em interlocução com o meio, ou seja, o rio e a floresta são espaços que integram o repertório formativo dos estudantes e há domínios (conteúdos, linguagens, representações, simbologias)

¹ Sobre povo, estamos entendendo assim: “São sociedades que ocupam territórios, socializam restritamente a natureza, relacionam-se com outros grupos tribais, enfim, realizam-se sem, fora da ou à margem da *sociedade regional*” (BRANDÃO, 2012, p. 368, grifos do autor).

que esses sujeitos possuem, e são aprendidos-e-ensinados antes de adentrarem a escola. Sobre processos educativos na vida humana, Brandão (2006) assevera que:

[...] por toda parte pode haver redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra, onde ainda não foi sequer criada a sombra de algum modelo de ensino formal e centralizado [...].

Tudo o que se sabe aos poucos se adquire por viver muitas e diferentes situações de trocas entre pessoas, com o corpo, com a consciência, com o corpo-e-a-consciência. As pessoas convivem umas com as outras e o saber flui, pelos atos de quem sabe-e-faz, para quem não-sabe-e-aprende (BRANDÃO, 2006, p. 06-07).

Os saberes oriundos de uma prática formativa extraescolar, como é o caso do conjunto dos saberes de ribeirinhos², circulam e são transmitidos através das gerações como um acúmulo de informações dos antepassados; alguns são modificados/reinventados e outros preservados; eles ditam a forma de entender, de simbolizar e se relacionar com as matas, com as águas, com o ambiente natural e com as gentes. Ainda, eles são úteis, pois eles explicam a realidade presente e o imaginário. Nesta direção, Almeida (2010) entende que:

Ao lado do conhecimento científico, as populações rurais e tradicionais, ao longo de suas histórias, têm desenvolvido e sistematizado saberes diversos que lhes permitem responder a problemas de ordem material e utilitária tanto quanto têm construído um rico *corpus* da compreensão simbólica e mítica dos fenômenos do mundo [...] (p. 48).

Os saberes locais de ribeirinhos perfazem um arcabouço histórico, sociocultural, ancestral, de uma riqueza ímpar e sedimentada no saber-fazer dos moradores antepassados até os atuais. Têm como alicerce a ancestralidade amazônica, em suas raízes caboclas, indígenas, negras, dos chegantes, dos espaços e elementos aquáticos e florestais.

As pessoas que moram nesse contexto são árduas no compartilhamento de ações e saberes, de trocas e ajudas, de cuidados e formas integrativas junto da natureza, ou seja, entre pessoas partilham a vida que se organiza, se produz, se reinventa na direção do saber conforme veremos adiante. São saberes das águas, da agricultura, da pesca, do extrativismo, da mata, das visagens e causos, da medicina natural, etc. Segundo o autor, as pessoas “[...] criam sem cessar os saberes que partilham, e os sistemas sociais de partilha do saber a que em geral damos o nome de educação” (BRANDÃO, 2015, p. 82).

Como se observa, o referencial do autor, especialmente, pela obra “Nós, os Humanos: do mundo à vida, da vida à cultura”, nos ajuda a pensar a cultura, o cotidiano, o conjunto de saberes do povo do rio Pirocaba, pois na comunidade existe concretamente uma gama de

² Contexto ribeirinho diz respeito a uma forma peculiar de entender, explicar, se relacionar, de produzir cultura e história ligados ao rio e às matas, e ribeirinho diz de uma identidade dos seres que habitam este espaço.

saber e uma lógica de transmissão desse saber, por entre as gerações. No caso dessa transmissão, ela ocorre “através do dom, da troca e da reciprocidade” os quais criam seu “mundo de vida e de destino” (BRANDÃO, 2015, p. 81).

Em complemento às ideias de Brandão, foram utilizadas no aprofundamento teórico as cartografias produzidas pela Comissão Pastoral da Terra (CPT)³. Essas obras construídas pelos moradores da região rural e ribeirinha de Abaetetuba elucidam o saber, lógicas, inferências e *modus vivendi* alinhados com os espaços de rios e da floresta, entre interlocuções campo-cidade, entre produção e existência.

Como mencionamos, entender e compreender as lógicas de produção da vida ribeirinha é fundamental para perspectivar uma educação emancipadora, cujas raízes, identidades, culturas e saberes-fazeres estejam presentes na escola. Para que esta escola tenha um rosto amazônico e esteja alicerçada na ancestralidade ribeirinha e aconteça na prática, “[...] é preciso que cada ribeirinho e ribeirinha tenha clareza de sua identidade, pois um ribeirinho tem qualidades, riquezas, valores, fraquezas, belezas que um colono e um cidadão não têm” (CPT, 2006, p. 3). Suas características são peculiares, sua vida tradicional é singular. Suas simbologias amazônicas são saberes patrimoniais (POJO, 2017).

Estamos a tratar de características próprias, pois “[...] a cultura deste povo está presente, porém ameaçada pelo bombardeio de outras culturas através da mídia, da educação bancária que ignora e às vezes ridiculariza os modos de ser e de falar do povo simples, do povo ‘caboclo’” (idem). Dizeres como esses enfatizam a importância da cultura, por vezes negada, porém rica, como afirma também Brandão (2015). Cultura que dialoga perfeitamente com a realidade rural-ribeirinha do Pirocaba.

2 METODOLOGIA

2.1 Aspectos metodológicos da pesquisa

Metodologicamente esta pesquisa se caracteriza como qualitativa, pois busca analisar as relações de transmissão, assimilação e produção de saberes, tomando as relações entre pessoas, fatos e necessidades. Trata-se de uma pesquisa que procura captar os processos e suas formas de construção do conhecimento, nas lógicas de pensar-agir-fazer, com base nos referenciais assinalados.

³ Respectivamente os exemplares: “Memória e Revitalização Identitária – Ribeirinhos e Ribeirinhas das ilhas de Abaetetuba” (CPT, 2006) e “Memória e Revitalização Identitária” (CPT, 2009).

No caso do estudo bibliográfico, houve a leitura e análise dos referenciais, fazendo uma revisão da literatura sobre o que é existente sobre o tema, especialmente fazendo relação entre saber e o currículo escolar. Para Severino (1941), a pesquisa bibliográfica é aquela

[...] que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. [...] O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos outros estudos analíticos constantes dos textos (p. 122).

Ainda, houve a realização de pesquisa de campo no *lócus*, comunidade Pirocaba, onde o pesquisador adentrou no ambiente natural do lugar, interagiu com os moradores e buscou vivenciar, observar, coletar e registrar os modos de circulação e apropriação dos saberes. “A coleta de dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados, sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador. Abrange desde os levantamentos, que são mais descritivos, até estudos mais analíticos” (SEVERINO, 1941, p. 123).

Para a coleta de dados e registros, foram realizadas entrevistas com os adultos e crianças, visando conhecer os saberes advindos de sua formação social no contexto ribeirinho. Essa técnica é definida como “Entrevista, por sua vez, pode ser entendida como a técnica que envolve duas pessoas numa situação ‘face a face’ e em que uma delas formula questões e a outra responde” (GIL, 2002, p. 114-115). Nessa concepção, o entrevistador planeja e organiza seus questionamentos e age com cuidado para que o entrevistado se sinta à vontade, servindo suas contribuições para uma análise ampla e vinculada ao entendimento pessoal de sua vivência.

Outro procedimento adotado na pesquisa foi a observação do contexto social, das vivências e relações de trabalho, dos modos de transmissão e reprodução do saber. Esta processou-se de modo contínuo e interagindo com a vida diária dos moradores. Atempo-nos às suas ações nos espaços da natureza como o rio e a mata, suas interações por entre fazeres como remar ou pescar, suas vivências com os animais e no trabalho da extração de açaí, além das criações artísticas de utensílios e outras formas de representação. Esse procedimento foi registrado por meio de fotografias e no caderno de campo, sempre com a devida ética da pesquisa com humanos e em territórios tradicionais.

Fazendo parte também da construção dos dados, outra forma utilizada foi a realização de oficina com crianças na faixa etária de 4 a 8 anos. Com elas, captamos suas diferentes formas de expressão e de registro dos seus saberes acerca do lugar e suas formas de interação

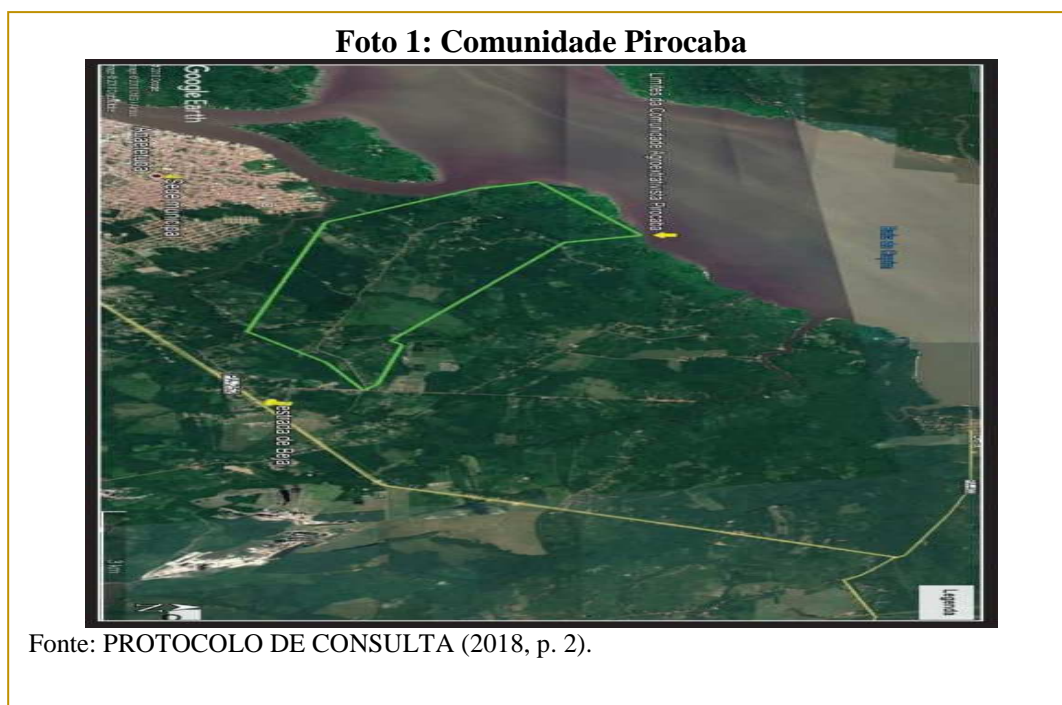
no cotidiano. Esta ocorreu em três momentos: a) motivação ao debate, através de uma exposição fotográfica com as crianças, cuja ideia foi instigá-las a falarem, exporem, dizerem sobre fatos, vivências e acontecimentos vividos; b) registro escrito e oral sobre seus pontos de vista do viver na comunidade (o que fazem, do que gostam, suas brincadeiras, etc.); c) a exposição dos desenhos, intermediada por um diálogo sobre as produções dos sentidos dados ao viver ali. Cada momento desse levou em torno de uma hora e contou com a participação de cinco crianças que residem às margens do rio, são filhos de pescadores.

Informamos que da mesma forma, com as crianças, foi esclarecido o estudo, bem como solicitada a autorização delas e de seus responsáveis.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Saberes-fazeres do povo do Pirocaba

Em termos mais precisos, a “Comunidade do Pirocaba localiza-se no município de Abaetetuba, no estado do Pará, Amazônia brasileira” (PROTOCOLO DE CONSULTA, 2018, p. 5). Sua extensão geográfica é visível no mapa que segue:



A área territorial da comunidade é situada e identificada pelos moradores que ali vivem como a região que compreende,

O início do rio Tauerazinho (onde se dá o encontro das águas entre o rio Tauerazinho, o rio Pirocaba e o igarapé Pindobal, no furo da Curupira) e o início do

rio Jarumã (onde deságua o rio Pirocaba), continuando o limite do Tauerazinho, Tauerá de Beja, Ramal do Maranhão, Apeí e o Jarumã Centro (PROTOCOLO DE CONSULTA, 2018, p. 13).

A extensão geográfica da localidade se divide em três sub-regiões que compõem o território que são a região das estradas, a região ribeirinha e a região de praias, cada uma com características específicas, conforme é explicado pelos moradores e moradoras do lugar.

A região das estradas é a parte de terra firme e da mata, onde o meio de locomoção se dá por veículos como bicicletas, carros e motos. Há a presença de trilhas, ramais e caminhos interligando vilarejos, casas, comércios e nesta região a terra é a base para o sustento de muitas famílias com a agricultura familiar, a caça, o extrativismo da mandioca, pimenta, cupuaçu, entre outros, e a criação de galinhas, patos e porcos.

Na região ribeirinha, contempla-se a área de várzea e evidencia-se a presença de igarapés, rios e furos, os moradores vivem às margens dos rios em pequenos vilarejos e se mantêm basicamente da pesca, da extração do açaí, da caça e de pequenos comércios. Os meios de locomoção são aquáticos como as rabetas, os cascos e barcos.

Por último, a região das praias assim, como a ribeirinha, é influenciada diretamente pelas águas, sendo que aqui nesta região da comunidade encontra-se a presença de grandes faixas de areias às margens do rio com vegetação própria, como os aturiás. Há poucas famílias residentes, mas as poucas que ali vivem e as que se deslocam do rio para este espaço desenvolvem as atividades de pescaria ao longo da região, o extrativismo do açaí, o cultivo de mariscos e moluscos e a caça.

O povo se autoidentifica como populações tradicionais agroextrativistas, o que é afirmado no protocolo de consulta da comunidade:

Vivemos principalmente da pesca, da agricultura, do artesanato e do agroextrativismo. Existem registros de nossos ancestrais aqui neste território desde o período de 1890, mas há relatos de que a nossa comunidade existe há mais tempo. Desde então, os nossos modos de vida, as nossas práticas tradicionais de produção e as práticas culturais nos são ensinados de geração em geração (PROTOCOLO DE CONSULTA, 2018, p. 5).

Os moradores do Pirocaba vivem a partir do território, vivem em função da sobrevivência conjunta do meio e deles próprios, baseando seus modos de vida em cooperação com a natureza, modos de vida estes transmitidos de geração em geração. Segundo o Decreto N° 6.040, de 2007, da Casa Civil, estes povos de comunidade tradicional como a do Pirocaba são compreendidos como:

I - Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (BRASIL, 2007).

Como já mencionado, os homens e mulheres dessa comunidade são pescadores, agroextrativistas, caçadores, artesãos, comerciantes, entre outros. Estes mantêm uma organização interna ativa envolvendo os Sindicatos, Grupo de Jovens, Associações, Grupos Religiosos e Colônias de pescadores. Através dessas organizações, são deliberadas as lutas e resistências sociais. A exemplo, a principal de todas, pois ela engloba todos os grupos residentes no espaço comunitário, é a Associação dos Agroextrativistas, Pescadores(as), Artesãos(ãs) do Pirocaba (ASAPAP).

Nesse sentido, na comunidade a cultura é pulsante, pois os diversos grupos que ali residem manifestam seu modo de vida, sua arte, seu pensamento, sua religiosidade, sua identidade, seja através do trabalho diário, na arte com o miriti, na tecelagem, na pintura, no próprio modo de se vestir ou até mesmo no modo de fazer as lutas em prol da melhoria de vida desenvolvida pela associação. A cultura é externalizada, também, no trato de homens e mulheres com a terra e com o rio. Ainda, no modo de pensar a comunidade e se pensar nela. A seguir, algumas exemplificações da sua cultura pelas imagens:

Foto 2: Cotidiano do ribeirão



Fonte: Registro do Protocolo de Consulta (2018, p. 9).

Foto 3: Brinquedos de miriti



Fonte: Facebook: Rio-Ramal Pirocaba, 2021.

valores do povo são importantes para eles. Evidenciam-se as trocas, as ajudas, as formas diversas de organização. Como exemplo, o trabalho em mutirão de roçagem de um quintal ou outra tarefa, fazendo com que haja uma cooperação entre os vizinhos, parentes daquele grupo. O povo pirocabense é um povo de partilha, quando algum morador sai para pescar, é costumeiro, entre eles, convidar o vizinho para fazer-lhe companhia e ajudar naquele dia de trabalho, e o quantitativo de peixes recolhido é repartido entre eles. No plantio de um

roçado para se fazer farinha ou carvão também estabelecem a partilha entre pessoas da comunidade. Nesse sentido,

Os saberes em contextos rurais confirmam, ainda, um viver humanizado fazendo frente a essa sociedade demarcada pela visão de cooperação entre familiares, interação da vizinhança, convívio com a natureza, sob o qual esses sujeitos mantêm consigo valores, costumes, identidades e culturas singulares (POJO *et al.*, 2014, p. 195).

Tais valores, costumes e formas comunitárias de fazer as coisas estão presentes no cotidiano.

Ali, como mencionamos, há inúmeros artistas e trabalhadores do campo e das águas, que criam e recriam a natureza em sua volta, desenvolvendo assim suas identidades em mediação com a cultura local. No artesanato existente na comunidade, são produzidas joias, artefatos de decoração, utensílios para o trabalho como os paneiros, a *peconha* para subir nas palmeiras, o urucum para tingir a comida. Tais produções feitas com as mãos denotam a realidade tradicional de um povo ainda alinhado com seu modo de vida, de interlocução com a natureza viva, com relações saudáveis entre vivinhos e entre as gerações. “Tudo aquilo que criamos a partir do que nos é dado, quando tomamos as coisas da natureza e as recriamos como os utensílios da vida social, representa uma das múltiplas dimensões daquilo que, em uma outra, chamamos de cultura” (BRANDÃO, 2002, p. 22). O autor confirma a cultura relacionada aos sujeitos sociais e à natureza de uma comunidade.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 As lutas sociais

Entender e compreender esta comunidade é pensá-la também sob a perspectiva de ser um espaço de resistência e de lutas sociais. No caso dela, vem sendo impactada pelos grandes projetos ligados ao interesse do grande capital e a comunidade encontra-se em alerta com essa questão. São vidas, culturas e o bem viver postos em conflito com o velho paradigma do desenvolvimento, de lucro e expropriação da natureza. O modo de vida tradicional que atualmente ainda existe, de natureza viva, em pé e preservada é uma das finalidades das lutas sociais da comunidade para a sua preservação. No entanto,

Desde a década de 80, quando foi instalado o complexo industrial Albrás Alunorte no município de Barcarena, a nossa comunidade está sendo prejudicada. A poluição do ar provocada pelas chaminés das fábricas é trazida pelo vento diretamente em cima de nós (ASAPAP, 2018, p. 5).

Atualmente, tem-se discutido a implementação de um projeto portuário em uma comunidade vizinha, na localidade do rio Urubuéua, este projeto se utilizará da rede fluvial deste espaço que é compartilhado pelos pescadores das comunidades vizinhas como o Pirocaba.

Foto 4: Área de implantação do porto da Cargil.



(Fonte: *site* da CARGIL, s.d)

Está na cidade de Abaetetuba, no estado do Pará, na ilha de Urubuéua, em frente à Ilha do Capim e o Furo do Capim. O município tem grande tradição de comércio fluvial. O Terminal será instalado em um terreno de aproximadamente 400 hectares com excelente profundidade para navegação e transporte por barcaças e navios. Com o Terminal, a Cargill pretende completar o sistema de operação pelos rios da Amazônia (Site da CARGIL, s/d).⁴

Com base nessas informações, os moradores entendem que o projeto influenciará na região da baía do capim, onde muitos pescadores utilizam os rios para a pesca. Lembrando que a baía do capim banha a região das praias do Pirocaba e os rios da comunidade deságuam e sofrem influência das marés vindas desta baía para o interior do rio. Mais uma vez, é de rios e praias que o povo ribeirinho busca seu alimento como o camarão, os moluscos, o acari-bodó⁵, o peixe arraia nessa região praiana; no rio, o camarão, o tucunaré, a pescada-branca, o mapará, dourada entre outras espécies são encontradas. No rio, a vida e a floresta em pé se reproduzem.

Pensando na preservação das espécies animal e vegetal, mais a produção de vida dos habitantes, a comunidade como um todo luta e resiste pela conservação da vida nessa área de praias. Sobre a questão, uma das conquistas da comunidade foi a construção e efetivação do Protocolo de Consulta Prévia, Livre e Informada do Pirocaba, este organizado com base na Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT). Trata-se de uma luta organizada pela associação dos moradores que contempla desde o ribeirinho das praias até o

⁴ Fonte: https://www.cargill.com.br/pt_BR/abaetetuba-localizacao. Acesso em 25 de maio de 2022.

⁵ Nome científico dos respectivos animais acari-bodó, peixe arraia, tucunaré, pescada-branca, mapará e dourada: *Pterygoplichthys Sp*, *Potamotrygon hystrix*, *Cichla ocellaris*, *Plagioscion surinamensis*, *Hypophthalmus marginatus* e *Brachyplatystoma flavicans*

trabalhador da região das estradas. Também, ainda se conta com a ajuda de outras organizações comunitárias como a Colônia de Pescadores, a Associação Nossa Senhora do Parto, o Movimento de Jovens do Pirocaba.

Foto 5: Reunião da ASAPAP



Fonte: Registro da ASAPAP, 2018.

Foto 6: Encontro das Mulheres da ASAPAP



Fonte: Registro da ASAPAP, Facebook.

É importante dizer que é notável na comunidade a presença e a liderança das mulheres à frente da organização social. São mulheres que amam a natureza, trabalhadoras, mães de família, filhas, tias e avós, são elas que na ausência da figura masculina lutam diariamente para o sustento de seus filhos ou de si próprias, buscando no labor da pesca, do extrativismo do açaí, da agricultura familiar ou do pequeno comércio o pão de cada dia, a conquista de sua dignidade. São guerreiras do Pirocaba, lutando diariamente pela igualdade de gênero, pelo território comum para todos, pois ali se encontram seus laços, sua família e sua vida. Assim, consta na carta da Associação, “Mulheres (porque nós também fazemos parte dessa sociedade), temos essa luta dentro da comunidade, somos a maioria” (ASAPAP, 2018, p. 16-17).

Também, como parte da luta do povo, temos a escola. Escola Ribeirinha viva e dialogando com o saber popular. É a Escola Municipal Educação Infantil e Ensino Fundamental Deocleciana Pereira de Araújo⁶, nome dado em homenagem a uma das primeiras moradoras locais que na época cedeu o terreno para a construção da instituição. Esta instituição de ensino existe há uns quarenta anos, segundo relatos de moradores, iniciando suas atividades numa casa de madeira do Sr. Francisco e, durante um bom período, a Sra. Deocleciana foi grande apoiadora. O prédio comporta três salas de aula, uma área livre descoberta, dois banheiros, uma copa, um refeitório, secretaria e um corredor com calçada.

⁶ Dotada pelo código do INEP: 15065421, conforme dados informados pelo assistente administrativo da escola.

Sua localização é bem situada e combina com o território, pois fica em um vilarejo que faz divisa com as áreas de rios e de estradas. Atende 137 estudantes que residem nesse contexto, sendo 42 da Educação Infantil e 95 do Ensino Fundamental, distribuídos em duas turmas do primeiro nível e quatro do segundo.

Foto 7: Escola Deocleciana Pereira de Araújo



Fonte: Site da prefeitura de Abaetetuba

4.2 A circularidade do saber

Levamos em conta a realidade ribeirinha da comunidade, conforme mencionamos, captando os saberes na vida cotidiana entre pessoas, nos espaços e nos modos. Antes, porém, pontuamos sobre as dimensões do saber, que segundo Brandão (2015) são o agir, o fazer e o pensar, por entendermos que eles estão presentes nesta realidade ribeirinha.

Na obra de Brandão (2015) “Nós, os Humanos: do mundo à vida, da vida à cultura”, o autor discorre sobre tais dimensões, conforme as situamos aqui, ainda que brevemente. Assim, segundo ele, o agir está imerso em todas as sociedades e diz da lógica de pensamento de todo ser humano. Trata-se, então, dos “[...] preceitos reunidos em códigos ou gramáticas sociais [...]” de um contexto social, portanto remete a um saber. O fazer pressupõe um saber-fazer no sentido de uma ação prática ou pragmática. O autor confirma o saber essencialmente imerso no fazer. A dimensão do pensar é explicada pelo autor e sintetizado pelo nome de “[...] lógicas do saber e do sentido, aqueles que “[...] através de nossos gestos cotidianos um sistema cultural opera (p. 114, grifos do autor).

Ressaltamos que neste escrito evidenciamos apenas a região dos rios e das praias, áreas onde a maioria dos ribeirinhos e ribeirinhas se encontram morando, trabalhando, se divertindo, enfim, percorrem nesses espaços. Adentramos nos sentidos, significações, modos de transmissão, na constituição e utilização do saber no dia a dia das pessoas.

Nessa direção, expomos as vozes que dizem da realidade local, captadas durante as entrevistas. No relato a seguir, a entrevistada traz à lembrança, um tempo não muito distante e vivenciado com sua avó, cuja expressão traz dos saberes relacionados ao agir no tocante às relações do homem com a natureza:

Eu lembro que quando a gente sentia alguma dor no estômago a minha avó já ia pegar uma folha de boldo para fazer o chá para a gente. Essa relação com plantas medicinais eu trouxe para mim hoje, eu tenho um cantinho que eu tenho um maior ciúme dele porque ele representa para mim não só o poder da cura, mas também o poder do conhecimento que eu aprendi com minha avó (Sra Dilmara S. Araújo, entrevista em 11/2021).

Com base neste relato, fica evidente que a moradora sabe bastante das plantas medicinais, seus usos e seus efeitos no corpo humano. Analisando com base no pensamento de Brandão (2015), ao expor que não são apenas as coisas da terra, mas as tessituras de palavras, de regras, de códigos e de gramáticas sociais, de imagens e de ideias partilhadas que em nós tornam possível o viver e o conviver em meio ao ambiente natural.

Saberes como estes dizem do saber agir, por ser a avó conhecedora do uso e indica para pessoas específicas tomar ou consumir. Tais saberes obedecem a regras e são parte das condutas e procedimentos adotados por moradores. Que os conhecimentos transmitidos na vida cotidiana são construídos entre as pessoas, são pautados em seus costumes e crenças, são aprendizados a partir dos adultos partilhando com os mais jovens através do diálogo, da exemplificação. São conhecimentos de remédios naturais que, se não forem produzidos com cuidado, seguindo regras de preparo, manuseio, corte, quantidade, podem vir a prejudicar as pessoas, por isso a importância e o cuidado no aprendizado deste saber.

Os saberes imersos na vida dos ribeirinhos e ribeirinhas também mostram sob o signo das águas. Aqui, num cenário de vida se exemplifica o como, onde, em que contextos tais saberes são socializados, transmitidos, aprendidos, conforme a imagem:

Foto 8: Pescador cortando isca

Fonte: Registros de Jeffrey Wendel S. Araujo, 2019.

Nesta imagem, vemos um pescador preparando a isca da pesca. Neste processo, o pescador escolhe algumas espécies de peixes, como arapáia ou filhote, cujo corte obedece determinado padrão de tamanho para que possa caber no anzol. Complementando, o pescador na imagem está usando uma camisa amarrada na cabeça, mostrando que práticas como estas relacionam-se a um saber de proteção contra os raios solares, ou seja, um saber que dita como o pescador deve se portar e o porquê de usá-la. De outro modo, tais saberes figuram na dimensão do agir, norteado por regras que ditam como, em que condições, com que finalidade as ações e os modos de se portar são editados por eles.

Tabela 1 – Pescaria praticada por pescadores.

| Dimensões do agir, pensar e fazer presente na pescaria | | |
|---|---|--|
| Saberes | Descrição | Aprendizado |
| Corte de isca | No preparo da isca: o pescador deve obedecer a um determinado padrão no corte do peixe que servirá como isca, pois o tamanho influencia no resultado da pescaria, pois, se o corte for em tamanhos grandes, os peixes pequenos não serão capturados. Inclui, ainda, o peixe que servirá como isca não pode ser qualquer um, e sim aqueles que são de fácil corte e tenham odor forte (pitiú – cheiro forte) para atrair outros peixes. | Como já dissemos, são saberes transmitidos através do diálogo entre os pescadores. Geralmente, são ensinados/aprendidos durante a pescaria quando os aprendizes, em iniciação na vida de pescador, vão com seus pais para o rio. |
| Pontos de referência Geografia das águas | A pesca exige do pescador conhecer o espaço do trabalho, pois o rio e suas águas escondem armadilhas como troncos de árvores, pedras, ilhas de areia ou até mesmo embarcações submersas e, diante disso, o pescador precisa dominar/registrar as áreas sem barreiras estas mencionadas. Se faz isso, tomando como referência árvores altas às margens, casas, faróis, pedras, ilhas etc. Estes lugares marcam a direção onde o pescador deverá jogar sua rede sem a preocupação de prejuízos. | Trata-se de uma prática dialógica entre pescadores experientes e iniciantes, num exercício de tentativa e erro. Se aprende/ensina durante a pescaria em que o mais experiente mostra <i>in loco</i> os pontos de referência e sua utilidade. |

Fonte: Pesquisa de campo, 2021. Org.: Luís Amaral, 2021.

O saber fazer, como mencionamos, remete às práticas do dia a dia e requerem diálogo entre as pessoas. Trata-se do aprender-e-ensinar, pelo fazer, manusear, como se portar ou exercer determinada ação. Também, outro recurso utilizado é a correção, e todas essas intercorrências do processo de ensinar e do aprender são desempenhadas por um instrutor e o outro, que se encontra no papel de aprendiz, constitui-se nessa relação a transmissão do saber. Para Luís Amaral, um morador, “O Pirocaba é um lugar que guardo no coração, foi onde meus pais me ensinaram a apanhar açai. Enquanto Brandão (1983, p. 05) reitera sobre este mesmo processo, tratando da circulação do saber, pois encontrou “[...] inesquecíveis momentos de um persistente trabalho pedagógico, mesmo quando aparentemente invisível. Mesmo quando oculto atrás da força da evidência de outras práticas, como o trabalho de lavradores, os rituais coletivos dos dias de festa de povoado, ou os momentos de lazer das tardes roceiras”.

Como vemos, o saber fazer une, faz compartilhar a vida e o vivido, o que sabe e o que aprende, o curioso e o instrutor, sendo normalmente numa comunidade tradicional como esta da pesquisa, de ocorrer o saber transmitido pelos mais velhos, seja pelo pai, tio, avós, entre outros. Outrossim, são saberes relacionados ao trabalho, como evidencia o autor. Saberes do fazer que ocorrem na ação do/a homem/mulher na e sobre a terra, as matas, os rios, as praias.

Ainda no tocante ao fazer, uma das práticas nesse contexto ribeirinho é o lidar com as águas e as embarcações, com fazeres do dia a dia que os menores e os adultos exercem na labuta diária. Saberes do viver em meio aos espaços naturais dos rios e de várzeas, como ancorar ou pilotar uma rabeta, remar, secar a canoa, etc. São saberes-fazeres que asseguram sua vivência ali, cuja habilidade de fazer passa em agir sobre e com, é o caso do registro da mãe que vai ensaiando o menor na prática do remo e da canoa, dessa prática comum do local.

Foto 09: Mãe ensinando criança a remar.

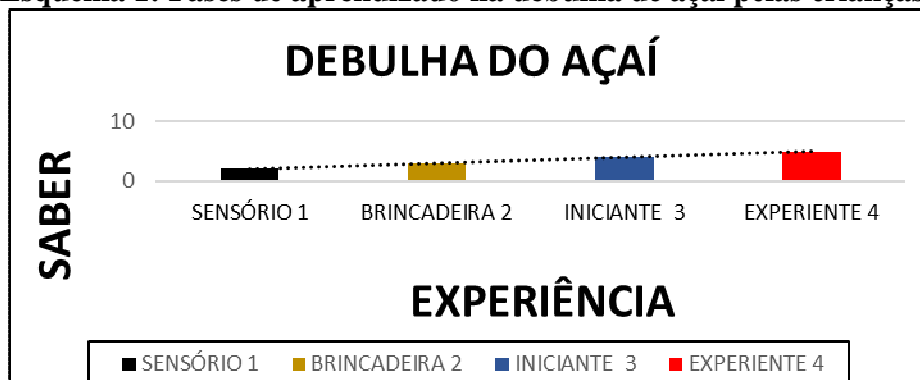


Fonte: Registro de Luiz Cleibson F. Amaral, 2020.

Este ensaio mãe e filho, ensinar-aprender fazendo, nesse caso, a remar, mostra um saber prático que se aprende por tentativa e erro. Devagar vai se aprendendo e os pequenos por várias tentativas, sozinhos, aprendem.

Outra evidência do saber fazer encontra-se na ação e no processo de extração do açaí. Nesta prática os trabalhadores da comunidade desempenham várias funções como subir nas palmeiras, o debulhar, a separação das sementes, a organização dos paneiros/rasas para receber as sementes. São ações práticas que requerem saberes específicos para cada ação e, também, acontecem de modo partilhado. São saberes que se aprende com a inserção na atividade. Para melhor dizer, trazemos excertos desse saber-fazer em circularidade por gerações:

Esquema 1: Fases de aprendizado na debulha de açaí pelas crianças⁷.



Fonte: Luís Amaral, 2021

Esquema 2: Característica de cada fase

| Debulha do Açaí | |
|--------------------|---|
| Fases do Saber | Características |
| Sensório | Nesta fase a criança, entre 1 e 2 anos de idade, experimenta e conhece através do tato as sementes e os cachos de açaí. Comumente, os pais dão para os pequenos(as) miniaturas de cachos que as palmeiras novas produzem. |
| Brincadeira | As crianças de 3 a 6 anos idade fazem suas primeiras incursões na debulha, isso sob a forma de brincar. Sempre acompanhadas por adultos nesta atividade, estes vão transmitindo os primeiros comandos das ações. Imitar é uma característica desta fase. |
| Iniciante | Nesta fase, debulhar é presente e parte da vida cotidiana de crianças, de 7 a 11 anos de idade. Nesse caso, os pais veem como uma ajuda, e o adulto é a referência quando da separação das sementes, por exemplo. Ou seja, aqui o adulto passa a ensinar o processo da debulha. Uma característica desta fase é a não finalização perfeita do processo. |

⁷ Para elaboração deste esquema foram utilizados como referência os estágios de desenvolvimento de Jean Piaget (1999), que são etapas da cognição de crianças.

| | |
|-------------------|---|
| Experiente | A partir dos 12 anos de idade o adolescente já sabe desenvolver perfeitamente a ação de debulhar e compreende como separar as sementes secas, maduras e verdes. |
|-------------------|---|

Fonte: Luís Amaral, 2021.

Esse punhado de processos na feitura da debulha ou mesmo do extrativismo do açaí com um todo foi explicitado com propriedade pelos pequenos da comunidade e são partes dos desenhos 2 e 4 apresentados abaixo. Neles, se evidenciam pessoas em ação de cultivo do açaí. Elas participam, primeiramente como observadoras, depois na experimentação, fase em que elas interagem com a matéria prima e os utensílios utilizados como rasas, peconhas, cachos de açaí, sementes. Posteriormente, são introduzidas a aprender a partir de um mediador que transmite os comandos oralmente, com exemplos, fazendo. Assim, elas observam, repetem e treinam brincando com seus pares e aprendem.

Acontece, informalmente, uma relação de ensinar-e-aprender, um processo educativo embutido nesse saber-fazer.

O saber pensar é aquele ligado ao plano cultural, transmitido entre as gerações. Durante as entrevistas com alguns moradores, ficou evidente a conscientização em relação ao território do cuidado, da preservação e da manutenção das vidas que dependem da natureza. “É importante conscientizar sobre preservar, cuidar do que é nosso. De que forma? Não jogando o lixo no rio, coletar para levar para a cidade, não desmatar, ter cuidado de plantar, de repor plantas” (Sra. Dulcilene B. Ferreira, entrevista em 11/2021). São destacadas as formas de cuidar, os ensinamentos e práticas deixados por antepassados às pessoas de hoje, um saber de preservação e conscientização imerso na cultura do caboclo ribeirinho dessa região. Como evidencia a fala da entrevistada Dilmara S. Araújo: “O Pirocaba é um território de resistência deixado para nós pelos nossos antepassados”. Nesse caso, a resistência está ligada à manutenção e preservação da vida e da cultura que permeia este lugar, como afirma mais uma vez a moradora:

Outra coisa importante é manter os costumes dos nossos antepassados vivos, então, a gente trabalha não só somente para que estes costumes permaneçam vivos, não somente na memória, mas também no coração de cada um e de cada uma que aqui vive. [...] É ter conhecimento que o rio é importante, não somente para nós que somos seres humanos que dependemos dele, mas também para todos os seres vivos. Um dos conhecimentos indispensáveis que a gente precisa sempre estar falando com a população, conscientizando, é manter ele sempre limpo, de entender que tiramos nosso alimento, nossa renda (Sra. Dilmara S. Araújo, entrevista em 11/2021).

Mais uma vez, a entrevistada reitera a preservação como um saber inscrito na cultura da comunidade, saber advindo dos ancestrais em suas intensas relações com a natureza e o espaço vivido e normatizado por eles no cotidiano; sentenciando o que Brandão (2015)

confirma ao dizer que o saber emana um conjunto de teias e tramas que orientam a conduta dos homens e das relações destes com a natureza.

Outro exemplo, entre os moradores adultos, é a arte como um saber pulsante, pois são inúmeras as formas de registrar, de esculpir e de contextualizar a vida local através de objetos, utensílios, joias, brinquedos, etc. Que se inscreve na identidade local, diferenciando de outras comunidades. Diz de um saber que alinha a cultura e o conhecimento porque traduz a vida tradicional ribeirinha e diz de uma ancestralidade amazônica, deixada e ensinada por gerações anteriores. As imagens a seguir retratam o viver local entrelaçado no fazer e no pensar, que se misturam e reafirmam o contato direto com a natureza.

Foto 10: Artesanato local na ASAPAP



Fonte: Registros de Dilmara S. Araújo, 2019.

Foto 11: Oficina de tecelagem



São registros que mostram a arte entrelaçada na vida, tecida por entre costumes, valores, cores, sabores. Uma arte exemplificando o saber pensar do povo. A primeira imagem (foto 10) trata de uma pintura que destaca a palmeira do buriti que serve como alimento, chama atenção também a moldura do quadro que exemplifica a tecelagem em muitos de seus usos. O próximo registro (foto 11) é a arte da tecelagem sendo compartilhada entre as mulheres, em que uma delas tece paneiros que são utilizados para plantio de mudas de plantas, servem também para guardar utensílios e frutas. São saberes incluídos na identidade deste povo das águas e são comuns em outras localidades da região tocantina e do município de Abaetetuba.

Tabela 2 – Saberes do artesanato local

Arte e cultura ribeirinha, no Pirocaba

| Dimensões | Saberes | |
|-----------|--|--|
| Agir | <p>Preparo das fibras: neste processo o artesanato deve deixar descansar ao sol a rama das folhas do buriti, também conhecida localmente como <i>braço</i>, para escoar o líquido pegajoso, que</p> | <p>Corte de fibras: No caso das folhas da palmeira de buriti, o corte é um processo de extração a partir da folha mais nova, também conhecida como <i>broto</i>, devido à sua maleabilidade e ser melhor para a</p> |

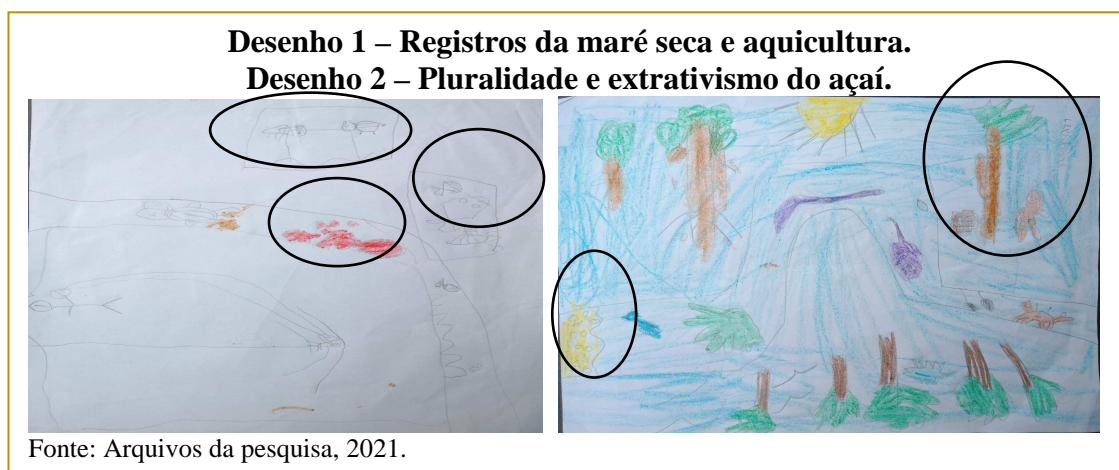
| | | |
|--------|---|--|
| | causa coceira e ainda serve para deixar as fibras mais resistentes. Após a secagem, o artesão retira cuidadosamente a fibra externa (tala) da rama, obedecendo a um padrão de largura e espessura. O material que sobra dessa retirada serve para o corte de outras fibras mais grossas. | torção, já que na tecelagem o mais delicado é melhor. Além disso, a escolha de apenas uma única folha preserva a palmeira e garante uma nova disponibilidade do produto. |
| Fazer | O Tecer: diz respeito a uma prática que envolve entender o encaixe, os arranjos e a junção das fibras, num exercício de paciência, atenção e inúmeras tentativas. O resultado deste processo é a perfeição do acabamento e beleza visual da peça. Se alcança com várias vezes praticando e tentando. | A produção do brinquedo do buriti: aqui ocorrem cortes minuciosos, precisos, de modo a estetizar o brinquedo, sem desajustes na produção das peças. Trata-se de um saber do artesão sobre o material, e como fazer, o que envolve cortar, lixar, encaixar, moldar como partes de uma mesma ação de inúmeras tentativas desta prática. |
| Pensar | Artesãos do Miriti: Tradição passada de pai para filho em muitos casos. Há inúmeros artesãos de buriti, cujas atividades que a envolve são partilhadas entre vizinhos. Uma arte que por muito tempo nossos antepassados transmitiram, tornando uma herança cultural ainda hoje presente, como formas de expressão e registro de nossa singularidade local. | A pintura: Como evidente na foto acima, representa a vida local, um registro que partilha com o expectador da arte quem somos, nossos artesãos registam a identidade do nosso povo, nosso modo de vida às margens ou nas matas, são lógicas e fazeres já inscritos na cultura ali representada. |

Fonte: Luís Amaral, 2021.

Os saberes da preservação, da agricultura, das plantas medicinais, da luta pelo território e da arte aqui expostos inscrevem a vida cotidiana desse povo no plano de uma cultura própria. Cultura esta como fruto da oralidade, de conversas entre familiares. Tais saberes-fazeres do miriti, do açáí, das plantas, nas matas, nos rios e na natureza de modo geral e que orientam a vida, respeitando as lógicas da natureza em vivências concretas associadas ao tempo da maré, da colheita, de respeito ao sagrado que a mãe terra e a floresta propiciam. Em suma, tais saberes-fazeres vão se constituindo e se inscrevendo na cultura, na história e na identidade destes homens e mulheres, crianças e anciãos.

Como dissemos, outros interlocutores da pesquisa foram as crianças. Formam um grupo de moradores que estão diretamente envolvidos com aprendizados na escola e fora desta, elas estão em processo de conhecer que se estende até a idade adulta quando já poderão ensinar a outros.

Com as crianças, adentramos nas suas maneiras de expressão maior, a brincadeira. Por isso, com elas realizamos uma oficina de desenhos regada do brincar, cujos eixos de diálogo perpassaram suas impressões e dizeres sobre a comunidade, o que fazem no dia a dia com seus pais ou suas formas interativas, brincantes e de afazeres nos espaços. Suas produções também foram refletidas e contextualizadas pelas dimensões aqui referidas, conforme veremos a seguir:



Um primeiro ponto destacado pelos meninos e meninas foi a dinâmica das águas do rio Pirocaba. No lugar, existe a presença natural do rio que seca, ficando o seu leito exposto, que os moradores locais chamam de “as pedras”. Neste momento, o espaço do rio não permite a circulação das embarcações, pois é o momento de maré seca, servindo, no entanto, para a passagem dos pedestres. Tal fato evidenciamos nos desenhos 1 e 2 pelas crianças que conhecem e compreendem este espaço e suas características, ou seja, elas detêm o saber do tempo das marés, quando as pedras ficam visíveis. Por saberem, as crianças são capazes de não só identificar esse condicionante do espaço como também de agir a partir disso, isto é, elas compreendem o momento que a maré irá começar a encher, momento este ideal para um banho de rio, para brincar na água ou mesmo o momento exato para as travessias para a escola, para ir para a casa dos vizinhos. Estes pequenos dominam lógicas ditadas pela natureza das marés.

Outrossim, evidencia a metáfora utilizada por Pacheco (2009, p. 61) a qual nos diz: “águas como relógio da Amazônia”, sintetizando neste caso a interpretação das crianças expressa nos desenhos diz do horário da maré seca.

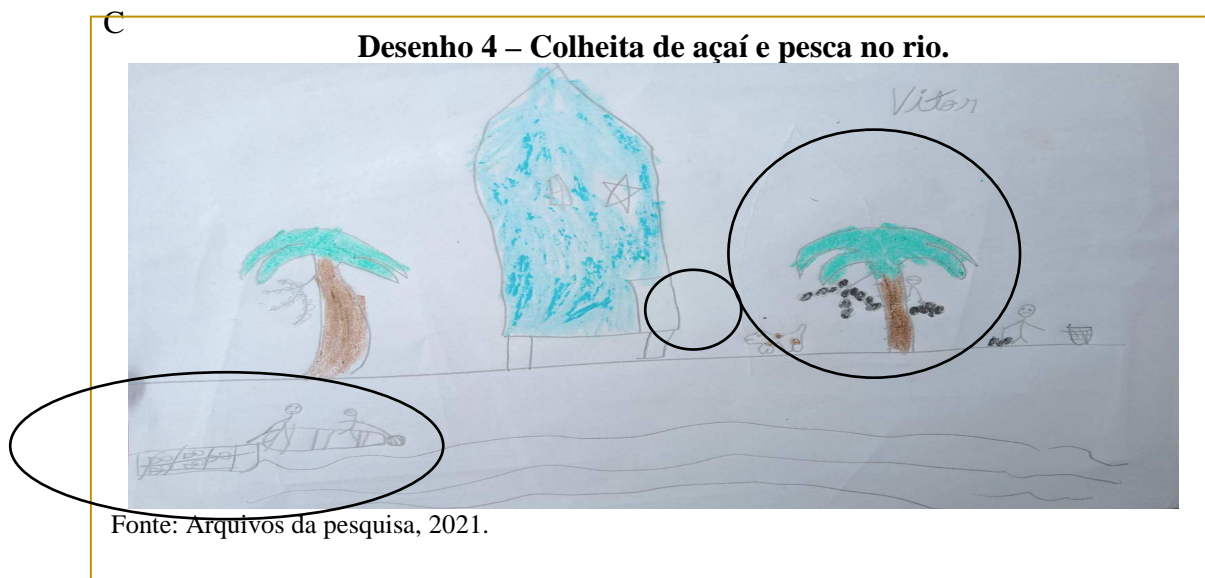
Desenho 3 – Pesca em caniço e matapí.

Fonte: Arquivo da pesquisa, 2021.

No desenho 3 a criança registra um homem pescando de caniço. Esta modalidade de pescaria envolve outros saberes como a noção do tamanho da vara, o comprimento da linha, o tempo das marés, onde pescar. São domínios normativos que conduzem o saber agir dos pescadores e pescadoras em seu cotidiano no mar, acontece mais ou menos como é retratado pelo autor:

O mundo camponês cria e recria estilos, formas e sistemas próprios de saber, de viver e de fazer, de reproduzir frações da vida, da sua ordem social e da reprodução da vida camponesa. Para cada tipo de atividade do ciclo rural, há um repertório próprio de conhecimentos, cuja rusticidade apenas esconde segredos e saberes de uma grande complexidade (BRANDÃO, 1986, p. 15).

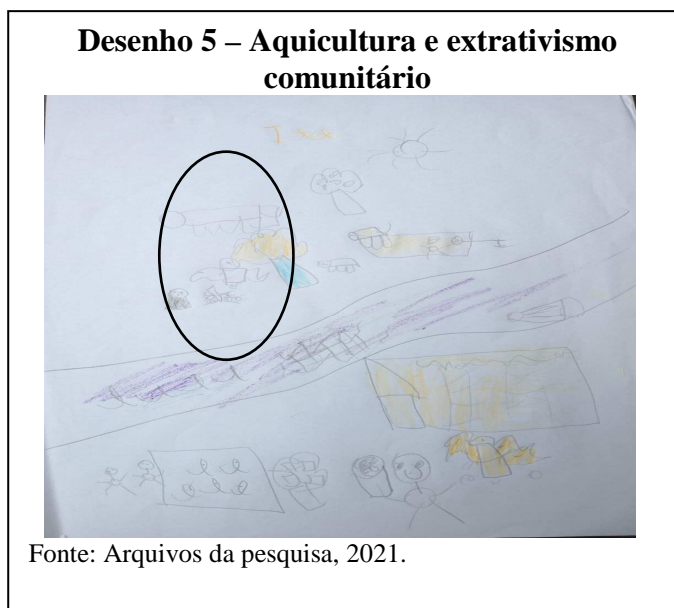
O camponês descrito por Brandão pode ser associado aos ribeirinhos do Pirocaba. Pessoas que sabem das águas, detentoras de lógicas, sistemas, normas, ordenamentos sociais e um repertório da geografia local, retratando da especificidade de um grupo e sua complexidade.



Observamos nos desenhos 2 e 4 das crianças, as ações de cultivo do açaí são parte da vida cotidiana pelas famílias da região. O manejo do açaí é uma atividade que se aprende fazendo, agindo. É um exemplo de saber fazer, cuja prática é o ato de subir na palmeira para a extração do fruto, que se aprende por tentativas e exercitando, isso com acompanhamento de pessoas experientes.

O manejo do açaí também pode referir-se à dimensão do pensar, pois o cultivo dos caroços obedece ao tempo de maturação dos frutos e sua escassez. Ressalta-se que o período de escassez ocorre nos meses de janeiro a abril, quando não se encontram os frutos do açaí, somente suas palmeiras, nas matas. E os(as) pequenos(as) partilham com seus pais essa vivência e prática, conforme consta nos desenhos 2 e 4, e assim vão computando esses fazeres e lógicas em seus processos identitários e culturais. Esta vivência e prática permeia acompanhar o cultivo, o preparo para a comercialização e o próprio alimento consumido diariamente. Esta dimensão do pensar é constante e ativa, porque está no dia a dia deles.

Outro aspecto ressaltado pelas crianças é a natureza do lugar, com os espaços, animais e recursos. Assim, na comunidade é comum encontrarmos nos quintais animais domesticados para o consumo familiar, para a venda, para a cooperação no trabalho e, também, os animais de estimação. Diz respeito a uma apropriação cultural da ordem do saber pensar, conforme são destacados nos desenhos 1, 4, 5.



No desenho 4, além da paisagem com residências às margens do rio, palmeiras de açaí e pessoas pescando camarão, vemos um cachorro domesticado para a caça de animais na mata como a mucura e tatus, também o animal serve de alerta ante os perigos existentes na mata. No desenho 1 e 5, os autores evidenciam tanques de peixes, os quais são criados para consumo e venda e, novamente, no desenho 1 é expresso um curral de porcos, cuja utilidade é a mesma.

Podemos dizer que, assim como os adultos, os pequenos detêm saberes sobre criação de animais e como domesticá-los, eles possuem noções de sobrevivência e técnicas de domesticação.

Dominam saberes do pensar nutridos pela própria cultura local, sua identidade e sua vida.

Nessa perspectiva, a próxima imagem exemplifica, mais uma vez, uma cultura de um viver tradicional e no cotidiano ribeirinho.

Foto 12 – Criança alimentando a criação.

Fonte: Arquivos da Pesquisa, 2021.

Vemos vários patos e cachorros no quintal, sendo alimentados por uma criança. Este ato representa as dinâmicas sociais vividas por crianças desde pequenas, como alimentar, proteger, podar as asas para proteger de pragas, dar banho, fazer ninho, cuidar dos filhotes machucados, isso tudo servirá para quando adultos cuidarem da sua própria criação, como fonte de alimentação ou renda. Diz também do integrar-se à natureza com os seus vários elementos, os seres vivos e o próprio grupo de colegas (irmãos, amigos, pais) com o qual interage transitando nos espaços.

As dimensões do agir, fazer e pensar, correspondem a “[...] tudo o que exteriorizamos a nós ou em uma comunidade, são maneiras identitárias através das quais, [...] estamos dizendo a partir de nós, entre nós e para nós – e eventualmente para outros que não - nós – quem nós somos” (BRANDÃO, 2015, p. 111). Assim, os saberes aqui mostrados por meio das vozes e de imagens denotam a cultura local pirocabense, fazem parte do arcabouço de saberes e aprendizados, de opiniões e da arte, da sensibilidade e valor amazônico construído por esses sujeitos e que são parte de sua história. É o que corresponde ser um grande repertório de conhecimentos registrados na própria produção da cultura, partilhados e contextualizados, presentes no cotidiano desses homens e mulheres das águas.

É vigente um repertório de conhecimentos únicos, saberes-fazeres alicerçados na cultura que dita e afirma o povo das águas do Pirocaba com saberes exclusivos e particulares. Sobressaíram saberes-fazeres presentes na vida cotidiana da comunidade e que se mesclam com a integração dos sujeitos com a natureza e com o território.

Foram simbolizados pelas crianças os saberes referentes ao cultivo do açaí, a pesca, sobre a natureza com o tempo das marés, a criação e domesticação de animais, a caça, sobre a

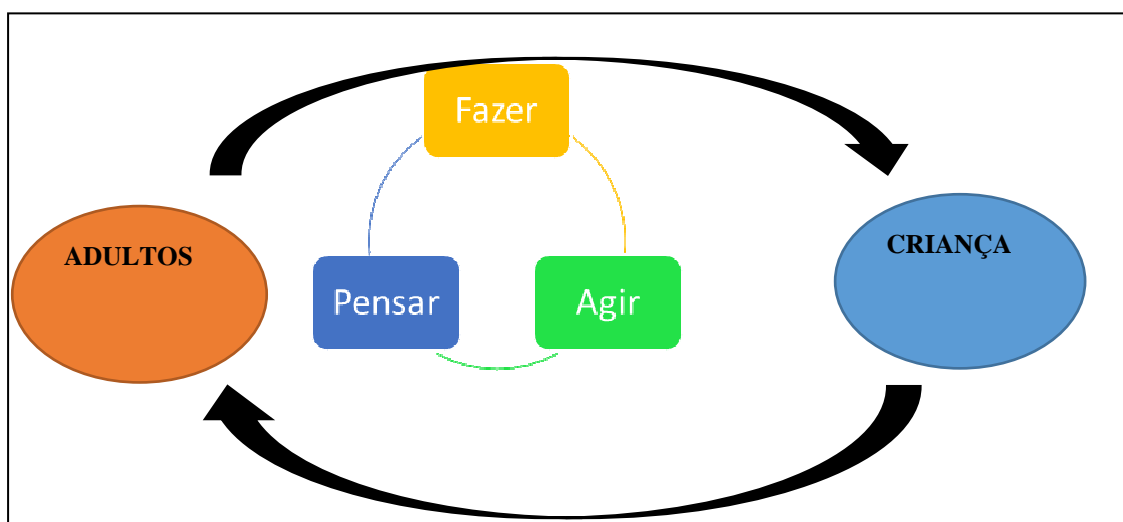
variedade e riqueza da flora e fauna. Este rico repertório ficou evidente em seus rabiscos e gravuras. As crianças trouxeram a natureza pela paisagem (olhar) e pelos sentidos (tocar/manusear), são exemplos os espaços das marés, dos rios com suas águas, as árvores com destaque para o açazeiro. O tocar/sentir foi ressaltado pela presença humana subindo no açazeiro, pescando, nadando, remando.

Pelos adultos, ficaram evidentes os saberes do cuidar e subsistir no lugar. Assim, dão sentido à preservação, ao cuidado e manutenção da natureza, as formas interativas de cooperação e parceria entre pessoas, em prol de terem o comer ou outro tipo de serviço, como foi enfatizado o cultivo e utilização das plantas medicinais.

Como síntese, podemos dizer que os saberes-fazeres são múltiplos e situados.

Vimos que na prática social das pessoas as dimensões assinaladas por Brandão, agir, fazer e pensar, embora distintas, elas se completam construindo no saber-fazer uma rede, uma trama que se estabelece no viver tradicional. Tramas de relações entre ideias, lógicas, raciocínios (agir) condutores de ações, práticas, labor diário (fazer) neste espaço rural, ribeirinho. E mais, ali existe concretamente a transmissão e a partilha que adentram o cotidiano e são dirigidas por costumes, ritos, símbolos próprios (pensar). Estas tramas interligam-se e se complementam como saberes, fazeres, arte, cultura, luta do povo.

Esquema 3 – A circularidade do saber, pelo povo.



Fonte: Luís Amaral, 2021.

O esquema acima busca situar conexões entre as três dimensões que circundam os saberes-fazeres evidenciados na vida ribeirinha dessa comunidade. São conexões contíguas que perpetuam gerações. São conexões de complementaridade das dimensões (fazer, agir e

pensar) presente nas relações de adultos e crianças em constante circulação e transmissão, isto é, em formas de ensinar-e-aprender. São conexões de vida, registrada dia a dia em suas identidades como potenciais de sujeitos únicos e fontes de saber.

Foi possível compreender que o povo do Pirocaba tem saberes alinhados à sua cultura local, sendo esta envolvente das relações com o ambiente que o cerca, com a ancestralidade amazônica de costumes, modos próprios e ritos. São estas crianças com esse rico repertório de saberes que trazem consigo, para o espaço escolar, saberes, fazeres, linguagens, formas próprias da cultura e identidade, em processo. Trazem vivências consigo, relações familiares e com o ambiente que vivem, conhecimentos cheios de significância e potencialidade pedagógica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, neste escrito evidenciamos os saberes presentes, construídos, transmitidos, utilizados na vida do povo da floresta e de rios do Pirocaba. Saberes que permeiam e significam o ambiente natural em suas características e peculiaridades. Saberes que registram e denotam o ser, homens e mulheres, crianças, idosos e jovens, os quais se constituem sujeitos nesta teia de saber-fazer bem como produzem a própria cultura e identidade de habitantes de contexto ribeirinho. São saberes assentados por lógicas do pensar-agir-fazer que fomentam a organização da vida produtiva. No dizer de Brandão (1997) o saber envolve:

O conhecimento técnico dos vários meios, então rudimentares, de lidar com o mundo da natureza; os códigos de regras de conduta que, ao mesmo tempo, constituem e preservam a ordem de pequenos mundos sociais; os repertórios de significados regidos por ideias e palavras, por símbolos (1997, p. 15).

Os saberes são estas riquezas que se traduzem sob diferentes formas de técnicas, símbolos e sentidos, são expressos mediante códigos que ordenam e conduzem a vida em diferentes mundos sociais, seja este uma pequena comunidade rural ou um grupo de pessoas. Figura um repertório social de palavras, ideais os quais se registram e se narram. São símbolos registrados através da arte, do fazer e da produção cultural. São ideias e lógicas de pensamento que são visíveis em nosso cotidiano. Portanto, são pontos de vistas dos sujeitos que habitam a comunidade, são o conjunto de sentidos e significados que as famílias narram através das histórias e ensinamentos aos pequenos.

Da parte das crianças, vimos por meio dos desenhos que elas sabem da maré, da safra dos frutos como o açaí e o buriti, sabem dos peixes e do camarão, sabem do comprimento da rede de pesca, etc. Convivem, observando, com a medicina caseira dos remédios de plantas,

da banha da mucura e do macaco que usualmente se usa para cuidar lesões, fraturas e torsões no corpo. Conhecem da geografia das águas e dos rios, dos caminhos. Sabem da importância da preservação dos recursos da fauna e da flora.

Ficou evidente que os pequenos possuem saberes da vida prática e do contexto ribeirinho bastante vinculados às relações de família e com o território onde habitam. Foi bastante mostrada pelos pequenos, além do circuito vivido por elas com os adultos, a beleza estética da paisagem ribeirinha com os excertos dos espaços, dos elementos naturais e materiais, etc.

Pelos adultos, foram evidenciados saberes que transversalizam a produção, a subsistência de vida, sendo destacada a preservação e o cuidado com a natureza, num cotidiano comunitário onde ainda prepondera a cooperação e parceria, são exemplos a ajuda na pesca. Foram destacados o saber com bastante domínio em ações de cultivo e extração de açai, de utilização das plantas medicinais, do trânsito e/ou traslado nas águas nos cursos dos rios e igarapés.

Como resultado que reflete as dimensões pontuadas (agir, fazer, pensar), podemos assinalar a (re)afirmação do saber. Ou seja, existe concretamente uma circularidade do saber entre os habitantes, existem formas de vida ainda em mediação com a natureza amazônica, existe todo um fazer, pensar e agir mais comunitário, humanizado, coletivo, partilhado e reconstruído dia a dia pelos sujeitos daquele lugar. Saberes esses que se mesclam aos espaços das águas, se mesclam com a terra e mat

Na dimensão do agir, foram confirmadas tessituras de como a vida é compreendida, ordenada e comandada por regras próprias. Ou seja, ações humanas produzidas junto e com a cultura. Parafraseando Brandão (2015, p. 144), o agir diz de “preceitos reunidos em códigos e gramáticas sociais” os quais prescrevem “quem, em que local, sob que condições” deve-se tomar tal iniciativa para desenvolver saberes lógicos que comandam a ação. Vimos isto no conhecimento lógico das marés pelas crianças, no entendimento e na utilização de plantas medicinais como recurso medicinal.

O fazer, na perspectiva das práticas do cotidiano, são situações, movimentos, construções e aprendizados ligados ao plano pragmático. Aqui, retomando o exemplo de Brandão (2015, p. 114) com a mandioca, ao explicar que “uma criança aprende com sua avó como se arranca a mandioca da terra; como se descasca cada pedaço aproveitável da raiz, e como, com outros ingredientes simples, se prepara um prato de mandioca-frita”. Os saberes pelas crianças do Pirocaba se estendem também ao ato de remar, de apanhar ou de debulha do açai.

O povo das águas possui visões de mundo. Pensa e articula suas práticas e ações, seus fazeres-saberes. O pensar também está no cotidiano e é socializado, transmitido entre as gerações, logo, dá significação à vida ribeirinha. Nesse sentido, Brandão (2015, p. 114), afirma:

[...] através de nossos gestos cotidianos, um sistema cultural opera. Basta você prestar atenção ao que come todos os dias e, também, em dias especiais para observar que não ‘comemos comidas’, mas alimentos. E não nos ‘alimentamos apenas de alimentos’, mas de símbolos que partilhamos.

Encontramos tais formulações como um sistema cultural na arte pulsante do Pirocaba, e tudo o mais que é parte da vida das pessoas e nesse contexto.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. C. **Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição**. São Paulo: Ed. Livraria da Física, 2010.
- ASAPAP, Associação dos Agroextrativistas, Pescadores e Artesões do Pirocaba. Coordenação Comunitária de Consulta Prévia, Livre e Informada. **Protocolo de Consulta Prévia, Livre e Informada**. Abaetetuba: Fase Amazônia, 2018.
- BRANDÃO, C. R. *et al.* **Tempos e Espaços nas Comunidades Rurais do Alto e Médio São Francisco, Minas Gerais**. In: II Encontro de Grupos de Pesquisa: Agricultura, Desenvolvimento Regional e Transformações socioespaciais. Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Uberlândia/Minas Gerais, 2006.
- BRANDÃO, C. R. **Nós, os Humanos: do mundo à vida, da vida à cultura**; São Paulo: Cortez, 2015.
- BRANDÃO, C. R. **A educação como cultura**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O processo geral do saber: a educação popular como saber da comunidade**. In: Educação popular. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- BRANDÃO, C. R. **Saber de classe e educação popular**. In: BRANDÃO, C. R. O ardil da Ordem. Campinas: Papyrus, 1986. p. 9-39.
- BRANDÃO, C. R. **Os mestres da folga e da folia**. In: SAMPAIO, A. et al. Estrutura e processos sociais de reprodução do saber popular: como o povo aprende? 2. ed. Campinas: Vozes, 1983.
- BRANDÃO, C. R. **A comunidade tradicional**. In: COSTA, J. B. A. OLIVEIRA, C. L. [org.] Cerrado, gerais, sertão: comunidades tradicionais nos sertões roxeamos. p. 367- 380. São Paulo: Intermeios; Belo Horizonte: Fapemig; Montes Claros: Unimontes, 2012.
- BRASIL. Decreto nº 6.040, de 07 de fevereiro de 2007. Diário Oficial da República do Brasil, Brasília, DF, 07 de fevereiro de 2007. Disponível em: planalto.gov.br. Acesso em 16/12/2021.

CONVENÇÃO n° 169 da OIT sobre Povos Indígenas e Tribais. <https://www.oas.org/dil/port>. Acesso em: 23/12/2021.

CARGIL, Terminal de Abaetetuba. s. d. Cargill Brasil. Disponível em: <O mais novo projeto da Cargill no Brasil | Cargill Brasil.> Acesso em: 23/12/2021.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA - CPT. **Memória e Revitalização Identitária – Ribeirinhos e Ribeirinhas das ilhas de Abaetetuba**. Abaetetuba/PA, 2006.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA - CPT. **Memória e Revitalização Identitária**. Abaetetuba/PA, 2009.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa, 2002.

PACHECO, A. S. **Em el corazón de la Amazônia**: identidade, saberes e religiosidades do regime das águas marajoara. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica (PUC). São Paulo, 2009.

PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia**. Tradução: Maria Alice Magalhães D' Amorim e Paulo Sergio Lima Silva - 24° Ed. Rio de Janeiro: FORENSE UNIVERSITARIA, 1999.

PIROCABA, Rio-Ramal. **Nossa associação viva!** Abaetetuba, 24 de jan. 2021. Facebook: Rio-Ramal Pirocaba. Disponível em: <https://m.facebook.com>. Acesso em: 16/12/2021.

POJO, E. C *et al.* As águas e os ribeirinhos – beirando sua cultura e margeando seus saberes. In: Revista **Margens**. Vol.08. N. 11. Jun. 2014. (p. 177-198).

POJO, E. C. T. Gapuiar de saberes e de processos educativos e identitários na comunidade do rio Baixo Itacuruçá, Abaetetuba-PA. 243 p. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas – SP, 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, B. S; MENEZES, M. P (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 31-83.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 1941.

Entrevistas

Entrevistada 1. [Dulcilene B. Ferreira]. [nov. 2021]. Entrevistador: Luiz F. Amaral. Abaetetuba, PA, 07 nov. 2021, 15 min.

Entrevistada 2. [Dilmara S. Araújo]. [nov. 2021]. Entrevistador: Luiz F. Amaral. Abaetetuba, PA, 07 nov. 2021, 15 min.

Entrevistado 2. [Luiz F. Amaral]. [nov. 2021]. Entrevistadora: Eliana Pojo. Abaetetuba, PA, 07 nov. 2021, 15 min.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

AMARAL, L. C. F; TOUTONGE, E. C. P; PEREIRA, R. C. Ecologia de Saberes e de Processos Educativos de Moradores da Comunidade do Rio Pirocaba, Abaetetuba, Pará. **Rev. FSA**, Teresina, v. 21, n. 3, art. 5, p. 93-123, mar. 2024.

| Contribuição dos Autores | L. C. F. Amaral | E. C. P. Toutonge | R. C. Pereira |
|--|----------------------------|------------------------------|--------------------------|
| 1) concepção e planejamento. | X | X | X |
| 2) análise e interpretação dos dados. | X | X | X |
| 3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo. | X | X | X |
| 4) participação na aprovação da versão final do manuscrito. | X | X | X |